



(Fotos: Tânia Rêgo/AgênciaBr)

# Um discurso racista produz efeitos injustos



Alexandre Costa Lima\*

No dia 21 de março passado, foi comemorado o Dia Internacional da Luta contra o Racismo. A Câmara dos Deputados realizou uma sessão solene para celebrar a aprovação do Hino da Negritude, como o reconhecimento da contribuição da etnia negra na formação do Brasil. O Projeto de Lei era do deputado Vicente Paulo da Silva, o ‘Vicentinho’, que discursou enfatizando a importância da homenagem aos negros.

Nesta mesma sessão, porém, o coordenador nacional do Movimento Brasil Livre (MBL), Fernando Holliday, pronunciou um discurso inteiramente contrário à homenagem, chegando a rasgar uma cópia do hino

diante de todos. Ele acusou a homenagem de ser racista e de separar brancos e negros; colocou-se ainda contrário aos sistemas de cotas nas universidades públicas, alegando que isso corromperia uma suposta meritocracia inerente ao regime capitalista neoliberal.

Mas, em vez de condenar ou aprovar antecipadamente o discurso do representante do MBL, preferimos analisá-lo nas suas diversas vertentes. Em primeiro lugar, a perspectiva filosófica: Hannah Arendt, ao afirmar no seu livro ‘Eichmann em Jerusalém’ que vários líderes judeus colaboraram com os nazistas, criou uma enorme polêmica e foi acusada, pelos sionis-

tas radicais de traidora do povo judeu, a despeito de toda a documentação que respaldava a sua tese. Na verdade, ela queria mostrar que aqueles líderes não hesitaram em prejudicar as pessoas de sua comunidade e de sua etnia, a partir de ideologias obscuras e injustificáveis. Nossa primeira conclusão: é possível reconhecer que, a partir de motivos irracionais, algumas pessoas podem acusar e prejudicar outras pessoas que estejam na sua mesma situação difícil, desagradável ou constrangedora (os judeus perseguidos que denunciam judeus perseguidos, os negros com algum grau de educação que acusam e ofendem outros negros que buscam educar-se). Em outras palavras: indivíduos normais podem introduzir o mal na política, devido à sua incapacidade de submeter os acontecimentos a um julgamento reflexivo. Portanto, não chega a ser assombroso ou impensável que uma pessoa possa agredir, humilhar ou condenar outra pessoa que se encontre nas mesmas condições precárias e injustas em que ela própria se encontra. Logo, não é nada espantosa a conduta de Holliday.

Passemos à perspectiva jurídico/política: Holliday adota um conceito de meritocracia típico do pensamento conservador radical norte-americano, segundo o qual o 'valor' humano depende exclusivamente da disciplina e do autocontrole. Não existiria qualquer elemento sistêmico (desigualdade, exploração, entre outros) que pudesse influenciar (melhorar ou piorar) a situação do sujeito. A falha em tornar-se rico, poderoso e famoso é apenas uma falha individual. Quem falhou não passa de um loser, já que não existem falhas sistêmicas quan-

do se trata de enriquecer, ter fama e prestígio (ser um winner). Uma conclusão parcial: a ideologia individualista liberal do winner, tão banalizada por Hollywood, e que sustenta o núcleo argumentativo das teses do coordenador do MBL, acarreta a falta do sentimento de empatia, que é, segundo George Lakoff, neurocientista da Universidade de Berkeley, a incapacidade para nos reconhecermos nos outros e admitir que estamos todos juntos na mesma trama do destino. A falta de empatia impede que a gente se coloque no lugar do outro, não apenas no sentido de compaixão, mas também no sentido de querer e poder experimentar, avaliar as opiniões ou as visões de mundo das outras pessoas. A empatia me mostra que o meu ponto de vista não é o único possível e os outros também tem o direito a um ponto de vista igualmente legítimo.

Podemos recorrer ainda à teoria da justiça de John Rawls, filósofo do direito de Harvard, falecido em 2002. Segundo ele, as instituições são a base da cooperação social. Uma instituição é toda forma de ação coletiva regulamentada, quer dizer, toda maneira de agir coletivamente segundo regras aceitas pelo grupo, desde a mais alta de todas - a Constituição de um país - passando pela escola, igreja, sindicato até chegar ao clube de dominó ou das mães. As instituições justas devem suprir as diferenças que impedem o exercício de iguais direitos; a cooperação, por sua vez, deve ser a base da subsistência e da segurança de uma sociedade. Cabe às instituições distribuir direitos e deveres, mas principalmente distribuir os bens básicos, aqueles a que qualquer pessoa razoável gostaria de ter acesso, tais como

direitos, liberdades, chances, renda e posse e o sentimento de autoestima que deriva da realização adequada de nossas preferências.

A cooperação social tem dois momentos: o momento do razoável, isto é, a existência de condições leais, onde todos carregam o ônus conjuntamente e ninguém tenta tirar vantagens indevidas (evitar os free riders); na verdade, cada pessoa que trabalha e contribui para a produção dos bens sociais básicos nutre a expectativa razoável de receber algo daquilo que foi produzido coletivamente (seria incompreensível se alguém sempre cooperasse em troca da nada); e o momento do racional no qual se revela a vantagem racional de cada um, sustentada na anuência das pessoas (o fato de que eu que coopero contribui para que eu realize as minhas preferências), segundo uma concepção de condições justas. Rawls também chama a atenção para o fato de que todos os homens desenvolvem para si a representação de uma vida boa e que cabe ao Estado garantir as liberdades e os direitos básicos de cada um (as políticas de ação afirmativa adotadas pelo Estado brasileiro, como o Prouni ou o Bolsa Família, por exemplo). Isso exige uma concepção de justiça pública e compartilhada. Daí, segundo ele, a precedência do Direito sobre o Bem (quer dizer, antes de qualquer coisa, as leis devem garantir que todos terão tratamento igual e justo para atingir a vida boa). Ele ainda reconhece que, infelizmente, existe uma imperfeição nas instituições e que o civismo nos impõe a aceitação de tais imperfeições, além de demandar um certo comedimento na forma como lidamos com elas. →



Michael Waltzer afirma que a comunidade humana é uma comunidade distributiva e que vivemos juntos repartindo, dividindo e trocando. Assegura ainda que nunca houve um ponto de vista único para controlar todas as distribuições, bem como um conjunto único de agentes decidindo (o fracasso do comunismo soviético é uma prova disso). Na medida em que as coisas escapam ao controle do Estado, os critérios de distribuição serão sempre incompletos, provisórios e insuficientes.

Amartya Sen, ao criticar o Teorema de Arrow, afirma que é irracional pensar ou esperar que a escolha social (a grosso modo, a totalidade das opções de cooperação social acessíveis aos sujeitos) venha a ter a completude como pressuposto de racionalidade. Isto é, não é possível aguardar que todas as condições para uma sociedade perfeita sejam satisfeitas para começar a agir. Não é possível garantir o respeito simultâneo a todas as condições impostas. Quantos anos teríamos

que esperar para que o ensino básico gratuito levasse todos os brasileiros a ter iguais condições para disputar um vestibular em uma universidade federal? Portanto, é clara a necessidade de adoção de um sistema de cotas para apressar essa paridade.

Desde essa perspectiva, os argumentos do conservadorismo radical, adotados pelo coordenador do MBL, padecem desse equívoco básico: imaginar que os bens básicos, como a educação, por exemplo, só devem ser



distribuídos conforme uma meritocracia de losers e winners.

A preferência social não pode nem deve considerar indispensável a situação de unanimidade como pressuposto de racionalidade. Segundo Sen, a escolha racional baseada em ordenações incompletas requer somente que uma alternativa inferior não seja escolhida. A oportunidade real é o conjunto formado, por um lado, pelos meios para a realização de um determinado fim e por outro, pela existência de um

contexto favorável à realização desse fim. As ações afirmativas, por exemplo, levam em consideração o grau de igualdade em relação ao potencial que os membros de uma comunidade teriam para realizar aquilo que valorizam individualmente. Muda-se a noção de mérito: o sujeito é previamente visto como merecedor de uma chance e a lei da ação afirmativa lhe garante tal oportunidade.

O que as pessoas fazem com os bens não é igual àquilo que os bens fazem com as pessoas. Nunca houve, nem provavelmente haverá, um critério único ou um sistema de critérios interligados, válidos para todas as distribuições. Com a sua discriminação racista, Holliday pretende conhecer, de antemão, a situação perfeita, totalmente racional, a partir da qual os winners possam ter acesso aos bens básicos que permitirão a plena realização de suas preferências e talentos, ao mesmo tempo em que os losers continuarão indefinidamente condenados às desvantagens resultantes de suas falhas individuais.

As preferências podem ser distorcidas socialmente, de modo a influenciar a própria percepção do sujeito. Nisso consiste a eficácia da ideologia: atuar sem ser notada e determinar a moldura lógica e emocional na qual o sujeito age. A intensidade com que alguém enxerga um ponto de vista pode ser inversamente proporcional à extensão do seu olhar: um fanático agarra-se desesperadamente à sua perspectiva e afasta qualquer dado que possa alterá-la. Confunde os regimes de crença e pretende que uma crença individual - a divisão do mundo em

winners e losers - seja um critério universal, completo e suficiente para avaliar as preferências das pessoas e suas potencialidades.

A falsidade de empregar um negro para proferir violentos discursos racistas é um recurso inteligente das elites brancas que desejam a perpetuação das desigualdades. “Um negro atacando outros negros não pode ser acusado de racista”. Errado: um discurso racista produz efeitos injustos porque adota critérios que não podem ser aceitos e justificados por todos os envolvidos. Por isso, não é a cor da pele de quem o pronuncia que determina a sua toxicidade. Uma pessoa negra e pobre que cultive a sua própria concepção da vida boa, e que considere o acesso à universidade como um momento importante dessa narrativa, ficará realmente indignada ao saber que um negro igual a ele pretende negar-lhe tal direito com base em uma ideologia norte-americana típica dos Wasps (pessoas brancas protestantes anglo-saxãs). Quem assistir ao ataque de Holliday aos negros, certamente ficará admirado com o grau de rejeição que aquele orador furioso demonstra pela sua própria condição. É como querer superar o insuperável, esconder o que não pode ser oculto, agredir o cerne mesmo do seu ser. O resultado desse movimento incompreensível é patético. Nada justifica, nada explica que alguém proponha teses tão injustas, a não ser o mal-estar que resulta da radical e impossível condição de ser alvo e de praticar o racismo simultaneamente.

\*Doutorando em Filosofia pela Universidade de Buenos Aires (Argentina) e professor da Faculdade Asces